VISÃO DO CORREIO

Acelerando rumo ao abismo

Durante anos, o limite de 2°C do Acordo de Paris pareceu uma linha distante no horizonte, um problema reservado às próximas gerações. Os dados revelados nesta semana pelo jornal britânico *The Guardian* mostram que essa linha se aproximou depressa. Pela primeira vez, o planeta passou seis dias seguidos com temperatura média global mais de 2°C acima dos níveis pré-industriais. Na segunda-feira, a diferença chegou a 2,24°C, a mais alta já registrada, superando a marca de 2,05°C de 2023.

Um episódio de poucos dias não basta para dizer que o teto de Paris foi rompido, porque a meta se refere a médias de longo prazo. A sequência, porém, é uma amostra do que está por vir se a queima de combustíveis fósseis não for eliminada rapidamente, e reforça a suspeita de que o aquecimento esteja se acelerando. O salto combina o aquecimento provocado pela ação humana com um El Niño de força incomum, perto do pico. O Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus, da União Europeia, já havia informado que 2026 deve ser o segundo ano a ultrapassar a marca de 1,5°C.

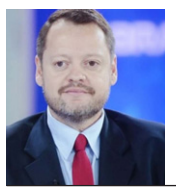
Os riscos vão além dos termômetros. O calor extra alimenta secas e incêndios nas florestas tropicais da Indonésia e da Amazônia, que passam a retirar menos carbono da atmosfera. Por isso, o Met Office, serviço meteorológico britânico, prevê um aumento da concentração de dióxido de carbono cerca de um terço mais rápido que nos anos recentes. O aquecimento passa a se reforçar sozinho, com ameaças ao abastecimento de água e de alimentos.

A resposta internacional segue tímida. A Conferência do Clima da ONU deste ano (COP31), em Antália, na Turquia, terminou sem avanços relevantes. Parte da apatia talvez tenha explicação cultural. Os filmes e séries de Hollywood acostumaram o público a catástrofes súbitas, com ondas gigantes, cidades congeladas da noite para o dia e heróis que resolvem tudo em duas horas. A crise climática avança em frações de grau, de um ano para o outro, sem um momento único que prenda a atenção. Inexorável e em câmera lenta, acaba tratada como assunto de amanhã.

E ela já bate à porta dos brasileiros. Só no último mês, tornados atingiram cidades do oeste catarinense e do norte gaúcho. Em Belo Horizonte, temporais com granizo alagaram avenidas e derrubaram dezenas de árvores. Em São Paulo, as chuvas deixaram 10 mortos em um mês e, na terça-feira, enxurradas mataram seis pessoas no sudoeste do Paraná. No Norte, a seca agravada pelo El Niño esgota nascentes e quase um em cada cinco municípios da Amazônia Legal está sob decreto de emergência.

Eventos assim eram tratados como excepcionais. Hoje se sucedem em poucas semanas, com excesso de chuva no Sul e no Sudeste e falta dela no Norte. Esse é o nosso novo normal, e o pior pode estar por vir, já que o El Niño deve atingir o pico até janeiro e seus efeitos mais fortes costumam aparecer meses depois.

O tempo de evitar o problema ficou, em boa parte, para trás. Resta reduzir os danos e aprender a viver num país mais quente e mais instável, sem abandonar o corte de emissões que pode impedir um cenário ainda mais grave. Isso exige drenagem urbana, contenção de encostas, Defesas Civis equipadas, alertas que cheguem a tempo, hospitais preparados para ondas de calor e combate firme ao fogo na Amazônia. A turbulência já começou, e é hora de apertar os cintos.



ROBERTO FONSECA
robertofonseca.df@dabr.com.br

O futuro da direita

Há exatamente um mês, no fim da noite daquele 27 de outubro, o senador Flávio Bolsonaro, do PL, cruzava a ponte internacional Tancredo Neves, no Paraná, rumo à Argentina. Acompanhado da família, iniciava ali a jornada rumo aos Estados Unidos. Hoje, ainda com mais dois meses de mandato no Congresso, o filho mais velho do ex-presidente Jair Bolsonaro vive um processo cada vez maior de ostracismo dentro da própria legenda.

Aliados do senador já não escondem que a chamada "liderança a distância" não deu certo. Um deputado bolsonarista reeleito confidenciou-me ontem, no Aeroporto de Congonhas, que há uma sensação de vácuo de poder dentro da oposição, que será rapidamente ocupada por outro nome. Ninguém vai falar abertamente sobre isso agora, mas colocar em dúvida o resultado eleitoral, em que a direita teve desempenho expressivo nas urnas para o Congresso e os governos estaduais, não pegou bem entre os eleitores mais moderados. Nem os bolsonaristas mais radicais gostaram da iniciativa, disse-me.

Os motivos para o ostracismo são vários. O bolsonarismo enfrenta disputas internas pelo controle político da legenda e, principalmente, pela definição de quem terá condições de liderar a direita nos próximos anos. Com Luiz Inácio Lula da Silva fora do páreo em 2030, a sucessão presidencial já começa a movimentar os bastidores. Há um eleitorado expressivo à direita, mas falta definir quem terá capacidade de representá-lo.

Adepto do pragmatismo, o presidente nacional do PL, Valdemar Costa Neto, tem nas mãos dois instrumentos fundamentais: a máquina partidária e o controle do fundo eleitoral. É uma posição que lhe confere poder de negociação e permite observar, com certa distância, as disputas entre os diferentes grupos. Valdemar sabe que a força eleitoral da direita precisa ser preservada e não quer ficar refém das decisões de uma família.

A própria configuração familiar ajuda a explicar o momento. Jair Bolsonaro cumpre prisão domiciliar por razões humanitárias. Flávio optou por deixar o país. Eduardo está sem mandato e tem um mandado de prisão expedido pela Justiça brasileira. Carlos e Jair Renan estarão no Congresso a partir de fevereiro, mas ainda não são vistos como nomes com estatura política para assumir a liderança do movimento. Resta Michelle Bolsonaro, eleita senadora pelo Distrito Federal e com capital eleitoral próprio.

O Centrão acompanha esse cenário com atenção. Há movimentos de aproximação com o Lula 4, mas ninguém pretende fechar as portas para uma composição de direita em 2030. Uma possível chapa formada por Tarcísio de Freitas e Michelle Bolsonaro, por exemplo, permanece no horizonte das articulações. É uma alternativa que reúne um governador com experiência administrativa e uma liderança que conserva forte identificação com o eleitorado bolsonarista.

A questão central é saber até que ponto essa direita conseguirá se organizar sem a tutela de Jair. O ex-presidente continua sendo uma referência para milhões de brasileiros, mas sua condição jurídica, o estado de saúde e as dificuldades de articulação dos familiares abrem espaço para novas lideranças. Tarcísio, Michelle e outros nomes terão de demonstrar capacidade de diálogo, construir alianças e apresentar um projeto que ultrapasse os limites da fidelidade ao bolsonarismo.

O ostracismo de Flávio é um sintoma dessa disputa. A direita saiu fortalecida das urnas e dispõe de uma base eleitoral relevante. O desafio agora é transformar esse patrimônio em liderança política. A dúvida que permanece é que direita vai emergir desse processo e, principalmente, quem terá força para conduzi-la até 2030.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. **E-mail:** *sredat.df@dabr.com.br.* O **Correio** reserva-se o direito de resumir os textos enviados.

Pizza no STF

A Suprema Corte sabe se defender dos próprios abacaxis. Ministros brigam, esfolam-se, xingam a mãe, recolhem o lixo antes que o público se interesse por ele e saem aliviados das pantomimas oceânicas causadas por eles mesmos. Digitais são claras de alguns ministros encrencados com Vorcaro, mas juram que não conhecem o infame ex-banqueiro nem de vista nem de chapéu, lembrando Machado de Assis. Pizza gigante está assando. O Natal chegando, os ministros Nunes Marques, André Mendonça, Alexandre de Moraes e Dias Toffoly não querem mais confusão. Polícia Federal joga no mar da piedade revelações que fariam tremer a República. Brasileiros, incluindo este veterano repórter, recolheram a pipoca e a cerveja. Meus 82 anos ensinam e comprovam que poderosos gostam de conviver com a falta de escrúpulos. O povo que se dane.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Ministro da Fazenda

Luiz Carlos Trabuco, cotado para ser ministro da Fazenda, é profisisonal da área de finanças e conhece do ramo. Isso é inegável. Mas tem o seguinte: ele vai trabalhar em prol do povo brasileiro e do Brasil ou da nata de banqueiros? O ex-ministro Paulo Guedes, na época ainda no cargo, disse a seguinte frase: "Não morro de amores pelo cargo de ministro, e, se eu sair daqui, no outro dia estarei administrando um banco". A realidade é essa, porque existe o chamado corporativismo, que envolve muito dinheiro. E eles só querem ganhar.

» **Rinaldo Oliveira**
Camaragibe (PE)

Ninho do Urubu

Sete anos depois, a Justiça do Rio condenou dois engenheiros da empresa responsável pelos alojamentos do Ninho do Urubu, onde um incêndio matou 10 adolescentes do Flamengo em 2019. Quando a engenharia falha, nunca há "pequeno acidente": há sempre tragédia. Vimos isso na Boate Kiss, em Mariana, em Brumadinho e no Ninho do Urubu. Em todos esses casos, a pressa, a economia mal pensada e a improvisação passaram por cima da norma técnica e da fiscalização. Valorizar a engenharia é contratar profissionais qualificados e pagá-los com dignidade. É exigir projeto, laudo e responsável técnico, respeitar as normas de segurança e fortalecer a fiscalização para agir antes do desastre. É também ouvir o engenheiro quando ele diz "não". A condenação não devolve os 10 meninos às suas famílias. Que ao menos sirva de lição: segurança se projeta, não se improvisa.

» **Marcelo Galimberti**
Sudoeste

Ensino médio

A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou projeto de lei que torna obrigatório o ensino de sociologia e filosofia em todo o ensino médio. São estudos importantes e muito subestimados. Mas os alunos têm que ter boas aulas. Caso contrário, não adianta nada. Concordo com quem fala que a educação financeira deveria ser ensinada também — talvez, em matérias de matemática aplicada. Aprender a Constituição também é importante.

» **Jeffersom Matos**
Brasília

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Alckmin chamou de descabida proposta de Donald Trump para taxar aviões brasileiros. Só o desgoverno brasileiro pode taxar até o ar que o povo respira?

Mara Rabelo — Brasília

Desistência no ensino superior é a maior desde 2010. As políticas de ingresso nas universidades não acompanham as de permanência. Hoje, para estudar, ou você já tem a vida estruturada, ou tem familiares estruturados para você.

Anna Reis — Brasília

Eduarda Campopiano recebeu medalha às escondidas. Chiquinha Gonzaga deve estar se revirando no túmulo.

Abrahão F. do Nascimento — Águas Claras

Black Friday: o monitoramento de preços anuncia que vem aí mais uma Black Fraude.

Mauro Evangelista Duarte — Asa Norte

» correiobraziliense.com.br

ARTIGO

Em *Por que a COP31 foi um fracasso?*, Leonardo Alves Corrêa, professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), argumenta que o desfecho da Conferência do Clima evidencia a dificuldade de estabelecer um caminho comum para países com recursos e interesses tão diferentes. Confira no site do **Correio**

BLOCO DE NOTAS

A violência política contra mulheres foi tema em sessão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), com críticas da ministra Estela Aranha aos colegas da Corte. Segundo a magistrada, faltou apoio institucional nos ataques sofridos por ela durante as eleições presidenciais. Confira detalhes no comentário do jornalista Carlos Alexandre de Souza.

Aponte a câmera e confira o vídeo na íntegra.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R$ 5,00	R$ 7,00

ASSINATURAS*
SEG a DOM
R$ 1.187,88
360 EDIÇÕES
(promocional)

Assine
(61) 3342.1000 – Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento **(3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp,** para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.

Endereço na Internet: http://www.correioweb.com.br
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press.
Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo – CEP: 70610-901 – Brasília – DF, de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/ sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 /1582/1568.
E-mail: *dapress@dabr.com.br* Site: *www.dapress.com.br*